

# A TOPONÍMIA DA FRONTEIRA OESTE DO RIO GRANDE DO SUL: ASPECTOS LINGUÍSTICO-CULTURAIS

SANTOS, Odair José Silva dos<sup>\*</sup>  
DAL CORNO, Giselle Olivia Mantovani<sup>\*\*</sup>

**RESUMO:** O léxico toponímico configura-se como um importante indicador da identidade de um determinado grupo social. O presente trabalho procura analisar aspectos linguísticos, históricos e culturais da toponímia da fronteira oeste do estado do Rio Grande do Sul, em busca da motivação para a denominação dos treze municípios que constituem esse território, caracterizado por disputas entre os exploradores e colonizadores portugueses e espanhóis, bem como por sua relação com povos indígenas que ali habitavam. Para isso, utilizar-se-ão as contribuições de Andrade e Dick (2012), Biderman (2001), Dick (1990), Isquerdo (1997; 2012), sendo os dados analisados e classificados de acordo com o modelo taxionômico adaptado por Dick (1990) para a toponímia brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** fronteira Oeste do Rio Grande do Sul; léxico; toponímia.

**ABSTRACT:** Toponyms are an important indication of the identity of a specific social group. This paper analyses linguistic, historical and cultural aspects in search of motivational elements for the names of the thirteen cities of the western frontier of the state of Rio Grande do Sul, Brazil, a territory characterized by disputes between Portuguese and Spanish explorers and settlers and their relationship with the native indians. Theoretical contributions given by Andrade e Dick (2012), Biderman (2001), Dick (1990), Isquerdo (1997; 2012) will be useful for this analysis, and data are classified according to Dick's (1990) taxionomic model.

**KEYWORDS:** Western frontier of Rio Grande do Sul; lexicon; toponymy.

## INTRODUÇÃO

Os lugares, à medida que recebem suas denominações, concretizam simbolicamente características culturais e ideológicas. Por trás de uma denominação existem aspectos culturais e históricos, ou seja, o ato da nomeação toponímica sempre é gerado por uma motivação, marcada pelo contexto social, visto que “é por via da linguagem que as pessoas se

---

<sup>\*</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

<sup>\*\*</sup> Doutora em Letras, Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da UCS

comunicam, se expressam, se localizam, transmitem suas crenças mais antigas, organizam e estruturam seu pensamento” (ANDRADE; DICK, 2012, p. 193).

O presente trabalho pretende analisar aspectos da toponímia da fronteira oeste do Estado do Rio Grande do Sul, parte do pampa gaúcho e espaço que faz fronteira com a Argentina e o Uruguai. A região pode ser vista como espaço onde se observou por séculos uma mobilidade de fronteira a partir das disputas territoriais entre portugueses e espanhóis, que mantinham diferentes tipos de relação com os povos Charrua/Minuano, Guaraní e Kaingang, seus primitivos habitantes.

Serão analisadas as marcas linguístico-culturais e as motivações para os nomes das 13 cidades que compõem a região: Alegrete, Barra do Quaraí, Itacurubi, Itaqui, Maçambará, Manoel Viana, Quaraí, Rosário do Sul, Sant’Ana do Livramento, Santa Margarida do Sul, São Borja, São Gabriel e Uruguaiana. Pretende-se assim refletir sobre a relação existente entre língua, cultura e sociedade e contribuir para as discussões em torno das construções no campo da Onomástica a fim de contribuir com o ATB (Atlas Toponímico do Brasil).

## **LÉXICO, LÉXICO TOPONÍMICO E A CONSTITUIÇÃO DE REGIONALIDADES**

O léxico configura-se como um dos elementos essenciais para que se possa “ler” fatos de história e cultura de determinada comunidade, pois é pelo uso da palavra que se revelam traços de cultura, identidade e visões de mundo, envolvendo “todo o universo da significação, o que inclui toda a nomenclatura e a interpretação da realidade” (BIDERMAN, 2001, p. 198). Uma das principais características de uma comunidade linguística é o léxico, pois este “constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural” (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001, p. 09).

Segundo Biderman (2001), apesar de o léxico fazer parte do patrimônio de uma comunidade, são os falantes que o criam e conservam, num processo no qual, ao atribuir “conotações particulares ao lexemas, nos usos do discurso, os indivíduos podem agir sobre a estrutura do léxico, alterando as áreas de significação das palavras” (BIDERMAN, 2001, p. 178).

Os estudos toponímicos revelam, a partir de perspectivas multidisciplinares, “a origem e a dinâmica dos lugares; tornado rica a maneira pela qual os atores sujeitos se utilizam da linguagem para imprimir no espaço uma variedade de significados” (ANDRADE; DICK, 2012, p. 198). Como alerta Isquerdo (1997, p. 33), a origem de alguns topônimos está ligada a “fatores extralinguísticos como as características geo-sócio-econômicas de uma região e, conseqüentemente as marcas étnicas e sociais

da população habitante em tal espaço físico-cultural”. Segundo a autora, o topônimo pode ser concebido “como um signo linguístico com características próprias, dado o seu estatuto de nome próprio”, e o *léxico toponímico* pode ser definido

como o universo de topônimos de uma língua que, por sua vez, estão circunscritos a diferentes espaços geográficos do território coberto por esse sistema linguístico. Nesse sentido, definimos o *léxico toponímico* como as unidades lexicais investidas da função de nome próprio de lugar que podem reunir formas do vocabulário comum, alçadas à categoria de topônimos; nomes próprios de pessoas, de lugares, de crenças, de entidades sobrenaturais que são ressemantizadas com o fim precípua de nomear um lugar (ISQUERDO, 2012, p. 116).

Dessa forma, os estudos toponímicos devem ser encarados como um complexo linguístico-cultural, numa visão interdisciplinar, uma vez que possibilitam encontrar diversas marcas de uma comunidade, tais como identidade, história e etimologia do nome (ANDRADE; DICK, 2012).

Nesse sentido, o ato de nomeação de lugares também vem carregado de marcas de *regionalidades*, vistas como “especificidades que integram e constituem uma paisagem cultural”. (ARENDDT, 2012, p. 91). O topônimo, então, configura-se como um dos elementos que identificam uma região geográfica ou cultural, pois essas são compostas “por especificidades (assim, no plural) materiais e imateriais – regionalidades que armam um tecido complexo e flexível, o qual se mostra sempre outro a cada novo olhar” (ARENDDT, 2012, 89). Conforme Certeau (1994) toda *região* pode ser vista como “um lugar praticado”, num processo interlocutório em que a enunciação encontra-se em constante significação e ressignificação, envolvido no movimento de interpretação e reprodução de fatos de cultura.

## ESTUDOS SOBRE A TOPONÍMIA BRASILEIRA

Os estudos sobre toponímia do Brasil têm início com os as pesquisas do professor Carlos Drummond (1965), com o trabalho “Contribuição do Bororo à Toponímia Brasileira”. O projeto teve sequência sob a coordenação de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, propondo investigações sobre a toponímia da cidade de São Paulo, que posteriormente levaram ao início do Projeto Atlas Toponímico do Brasil (ATB).

No Rio Grande do Sul, as pesquisas já realizadas e as em andamento são incipientes e basicamente restritas à região da Serra Gaúcha, iniciando com o projeto TOPONÍMIA (Os nomes da cidade de Caxias do Sul: vias, bairros, praças, monumentos - 2007-2009) e seguindo com o projeto

TOPAC (A Toponímia de Caxias do Sul), ambos coordenados pela professora Vitalina Maria Frosi, na Universidade de Caxias do Sul (UCS), que resultaram em diversas publicações em periódicos e anais de eventos, apresentando reflexões sobre os estudos toponímicos no contexto da Região de Colonização Italiana (RCI). Destaca-se, ainda, a extensão desses estudos para outras investigações, em dissertações e teses concluídas ou em andamento sobre municípios da região de abrangência dos projetos: Bento Gonçalves (FAGGION; DAL CORNO; FROSI, 2008), Caxias do Sul (SARTORI, 2010 e SILVA, 2011), Farroupilha (BARETTA, 2012), São Marcos (CIOATO, 2012). Os estudos até aqui, além de procurar desvendar aspectos linguísticos e culturais da região, visam também a lançar bases para um futuro Atlas Toponímico do Rio Grande do Sul.

Dick (1990) propôs a classificação taxionômica para a toponímia brasileira, dividida em 11 taxes de natureza física e 16 taxes de natureza antropocultural, conforme a referência feita pelo topônimo, como mostra o quadro 1 (ver anexo).

Pesquisas realizadas em diferentes estados brasileiros sugeriram o acréscimo de algumas categorias ou subdivisões de algumas já estabelecidas. À categoria dos animotopônimos, Isquierdo (1996) propõe duas subclassificações: *animotopônimo eufórico* (impressões agradáveis e otimistas) e *animotopônimo disfórico* (impressões desagradáveis e pessimistas) (ISQUERDO, 1996). Lima (1998) propõe, para a categoria dos hagiotopônimos, duas subclasses: os *hagiotopônimos autênticos* (fazem alusão a um santo ou santa aceitos e aprovados pelos dogmas da Igreja Católica Apostólica Romana) e os *hagiotopônimos aparentes* (prestam tributos a um fundador ou uma pessoa influente da localidade) (LIMA, 1998).

Na presente pesquisa, procuramos identificar a motivação dos topônimos da fronteira oeste do Rio Grande do Sul. Para tanto, é necessário primeiramente apresentar dados históricos, culturais e linguísticos que se relacionem com a constituição dessa região, como veremos na próxima seção.

## **ASPECTOS HISTÓRICOS E CULTURAIS DA FRONTEIRA OESTE DO RIO GRANDE DO SUL**

A região integrante do Corede (Conselho Regional de Desenvolvimento) Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul (segundo a Fundação de Economia e Estatística) faz parte do pampa gaúcho e é reconhecida no cenário do Estado pela alta atividade da pecuária, pelo uso do cavalo e da bombacha<sup>1</sup>. Como representado no mapa (ver anexo) é

---

<sup>1</sup> Termo usado para “calças muito largas em toda a perna, menos no tornozelo, onde são presas por botões, possuem dois bolsos grandes na lateral e o cós é largo e sem alças. São bem mais largas na fronteira, estreitas entre os serranos e médias no planalto e nas missões” (BOSSLE, 2003, p. 87).

composta por treze municípios: Alegrete, Barra do Quaraí, Itacurubi, Itaqui, Maçambará, Manoel Viana, Quaraí, Rosário do Sul, Sant’Ana do Livramento, Santa Margarida do Sul, São Borja, São Gabriel e Uruguaiana.

Nem sempre, porém, essas terras pertenceram ao Brasil ou mesmo à coroa portuguesa. A ocupação inicial do território sul-rio-grandense era dos povos indígenas Charrua/Minuano, Guarani e Kaingang. O investimento em grandes expedições marítimas possibilitou às coroas europeias o desbravamento de terras antes desconhecidas do mundo dito civilizado. Dessa forma, a região passou também a ser alvo a ocupação de portugueses e espanhóis. No início do povoamento da região pelos europeus, padres jesuítas espanhóis formaram comunidades indígenas – chamadas de *missões* ou *reduções* – em diversas localidades, com a finalidade inicial de civilizar e catequizar os índios através de “incursões de missionários aos aldeamentos indígenas que, no caso do Rio Grande do Sul, eram da etnia Guarani” (FITZ, 2011, p. 50), muitas delas destruídas pelos bandeirantes e exploradores portugueses. Contudo, por trás da atuação dos padres no território sul-riograndense estavam os interesses da igreja católica (contrarreforma) e da coroa espanhola (posse das terras), o que desencadeou diversos problemas:

De um lado, a obediência devida ao Estado espanhol e às Leyes de Índias; de outro, os princípios doutrinários da Ordem e o respeito à hierarquia religiosa. À sua frente, uma multidão de indígenas a ser retirada de seu modo de vida e introduzida no mundo cristão; por trás, o poderoso Império espanhol que os usa nas regiões fronteiriças para deter o avanço português (FITZ, 2011, p. 59).

Após a chegada de portugueses e espanhóis o território passou a ser um palco de disputas entre os reinos, possibilitando a concretização de uma fronteira móvel durante séculos e tendo um alto fluxo de pessoas e culturas diferentes a partir dos acordos firmados e não cumpridos entre as coroas portuguesa e espanhola: Tratado de Tordesilhas (1494), Tratado de Utrecht (1715), Tratado de Madri (1750), Tratado de Ildefonso (1777) e Tratado de Badajós (1801). O mapa da sequência apresenta aspectos que influenciaram em questões sócio-culturais a formação da fronteira oeste do Rio Grande do Sul (SOUZA, 2000).

Nesse contexto histórico é que nasceram os primeiros povoados da fronteira oeste do Rio Grande do Sul, o conjunto de aldeamentos chamado Sete Povos das Missões (ou Missões Orientais, por estarem a leste do Uruguai). Fundado em 1682, São Borja foi o primeiro dos Sete Povos das Missões. O povoado de Sant’Ana do Livramento, fundado em 1823 por jesuítas espanhóis, era inicialmente habitado por índios Charruas e Minuanos, e depois da independência das colônias espanholas na bacia do

Prata, consolidou-se como uma tentativa das tropas portuguesas de resguardar a fronteira dos ataques das tropas dos castelhanos.<sup>2</sup>

O povoado de Alegrete surgiu em 1831 com a conquista portuguesa do território às margens do rio Ibicuí, que antes era região das missões jesuíticas, servindo, dessa forma, como ponto estratégico da coroa lusa. Na sequência, foram iniciados os povoados de Uruguaiana (1843) e São Gabriel (1846); o primeiro foi originado às margens do rio Uruguai a partir dos acampamentos levantados durante a Revolução Farroupilha; já o segundo nasceu à luz do Tratado de Madri, remontando ao surgimento das primeiras estâncias jesuíticas e às diversas batalhas travadas entre lusos, espanhóis e povos indígenas. O povoamento no atual território do município de Itaqui iniciou por volta de 1700 com uma missão dos jesuítas espanhóis a fim de catequizar os Guarani que habitavam a região, sendo elevado à categoria de vila em 1858, desmembrado do município de São Borja.

O povoamento inicial do atual território de Quaraí deu-se como resultado das fortes disputas entre Portugal e Espanha pelas terras da região; em 1875 com a fundação de um povoado na fronteira do lado Uruguai (atualmente Artigas), a coroa portuguesa fundou o povoado de Quaraí para resguardar a fronteira lusa. Quase concomitante, no ano de 1876, foi estabelecido o povoado de Rosário do Sul, depois da concessão de uma sesmaria por um morador do local.

Algumas cidades foram desmembradas de outras, como é o caso de Itacurubi (desmembrada de Santiago e São Borja em 1988), Manoel Viana (desmembrada de São Francisco de Assis em 1992), Santa Margarida do Sul (desmembrada de São Gabriel em 1996), Maçambará (desmembrada de Itaqui em 1997) e Barra do Quaraí (desmembrada de Uruguaiana em 1997).

No quadro 2,(ver anexo) são apresentados os municípios que compõem atualmente a fronteira oeste, suas respectivas datas de fundação e as denominações que tiveram ao longo de suas histórias.

Na história da formação dos povoados e posteriormente das cidades percebemos a presença de diferentes contatos linguístico-culturais na formação de suas bases: inicialmente dos povos indígenas aqui estabelecidos e, na sequência, com as constantes disputas territoriais, de portugueses e espanhóis. Esses constantes fluxos resultaram em ricos contatos entre línguas e culturas diferentes, o que pode ser constatado, por exemplo, na toponímia da região: nomeação das cidades dadas por motivações diferentes e em línguas diferentes.

---

<sup>2</sup> A página oficial do município na web mantém a grafia **Sant'Ana do Livramento**, mas na listagem oficial do municípios sul-rio-grandenses a grafia é **Santana do Livramento**. A referência mais comum ao município, porém, é feita pela forma reduzida **Livramento**.

## A TOPONÍMIA DA FRONTEIRA OESTE DO RIO GRANDE DO SUL

Podem ser observados cinco topônimos motivados pela presença de grupos de Charrua/Minuano, Guarani e Kaingang, que habitavam o território já antes da chegada dos europeus. Dados fornecidos por Furtado (1969) permitem assim analisar a estrutura desses topônimos:

- **Itacurubi** é junção de “itá” (pedra) e “curubi” (migalha, resto, pó);
- **Itaqui** vem da palavra “itaquy” (a mó, pedra de afiar), construída a partir da junção de “itá” (pedra) com “quy” (de afiar);
- **Quaraí** é derivado de “Quara-y” (rio das covas ou dos buracos);
- **Barra do Quaraí** (derivado a partir de Quaraí);
- **Uruguaiana** constituído a partir de “Uruguai”: “urugúá” (caracol) e “y” (água, rio).

Os dois primeiros constituem-se em litotopônimos, enquanto os demais são hidrotopônimos (pela referência a *água*). Uma outra interpretação é possível para Barra do Quaraí, já que *barra* pode tanto significar “a foz ou embocadura de um rio” (neste caso, um litotopônimo) ou “banco de areia ou depósito de aluvião trazido pelos rios”, o que configuraria então um geomorfotopônimo.

Esses topônimos são representativos de “formas linguísticas de línguas de povos que habitaram a região em épocas remotas” (ISQUERDO, 2012, p. 117).

Sem dúvida, a chegada de portugueses e espanhóis ocasionou a modificação tanto da estrutura político-geográfica como das questões culturais mantidas pelos grupos indígenas que passaram a ser “reducidos”, isto é, estabelecidos coletivamente em aldeamentos, nos quais, além da doutrinação religiosa, seriam submetidos a um processo ‘civilizatório’, isto é, europeizados” (FITZ, 2011, p. 51). Os “recém-chegados” procuraram, então, impor suas leis e culturas, causando a dizimação de muitos povos e, conseqüentemente, de suas linguagem e cultura.

Três dos municípios da região foram nomeados pelos espanhóis, refletindo a disseminação da religião católica e da cultura europeia, bem como o processo de catequização da região. O hagiotopônimo **São Borja** homenageia São Francisco de Borja, padroeiro da cidade, que foi o terceiro “general” da Ordem dos Jesuítas. Ainda por influência do catolicismo, **Sant’Ana do Livramento** foi assim nomeada a partir da construção da primeira capela católica em homenagem à Nossa Senhora do Livramento no dia 30 de julho de 1823, da qual se originou a fundação da cidade. É, portanto, um hagiotopônimo. Já a nomeação da cidade de **São Gabriel**, apesar da “marca” de “santo”, de fato deu-se em homenagem ao vice-rei do Rio da Prata em 1800, Dom Gabriel, caracterizando-se, portanto, como

um hagiotopônimo aparente, na definição de Lima (1998).

Quanto à origem dos topônimos como herança da colonização portuguesa, encontramos a nomeação das cidades de **Alegrete**, **Manoel Viana**, **Rosário do Sul** e **Santa Margarida do Sul**. **Alegrete** teve esse nome para homenagear o General do Marquês de Alegrete, que primeiro ocupou o território, em forma de acampamento. Segundo o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, a palavra “alegrete” é derivada da palavra “alegre” (CUNHA, 2010, p. 24), o que permitiria a classificação deste como um animotopônimo eufórico (ISQUERDO, 1996), se considerado apenas o substantivo restante. **Manoel Viana** foi fundada em virtude de ser o local mais apropriado para a passagem de cavaleiros e carreteiros que realizavam o intercâmbio comercial entre as regiões da fronteira oeste e das Missões, sendo nomeada dessa forma em alusão ao Coronel Manoel Viana, que apoiou e auxiliou nas primeiras instalações do povoado; constituiu-se, portanto, num antropotopônimo. Já **Rosário do Sul** recebeu o nome em virtude da construção de uma capela no local, com o intuito de marcar o território e ser ponto de junção das forças de David Canabarro e Antônio de Sousa Neto. A observação da denominação anterior do município confirma a sugestão de se ter aqui um hierotopônimo (o “rosário” referido é o objeto de devoção católica). O topônimo **Santa Margarida do Sul**, de acordo com relatos, originou-se como homenagem a uma grande fazendeira de gado existente da região, de nome Margarida, cuja fazenda tinha uma extensão que ocupava quase todo o distrito. Trata-se, portanto, de um hagiotopônimo aparente.

Segundo o Dicionário etimológico da língua portuguesa, **Maçambará** vem de *masa'mala*, palavra que, na língua banto *quimbundo*, falada em Angola, refere uma “planta da família das gramíneas” (CUNHA, 2010, p. 398). Provavelmente houve a incorporação dessa lexia a partir do contato com os grupos vindos da África e escravizados pelos portugueses. Outras pesquisas indicam uma origem indígena para o nome, até agora não confirmadas em dicionários de vocábulos brasileiros de origem indígena. O topônimo está relacionado com a grande quantidade da planta encontrada na região, confirmando sua classificação como um fitotopônimo.

No quadro 3 (ver anexo), observa-se um esquema com os nomes das cidades e suas respectivas raízes.

Isquerdo (2012), ao discutir sobre *léxico toponímico*, observou que muitos topônimos, que são “os sistemas toponomásticos subjacentes à toponímia de uma área territorial representam, em primeira instância, a perpetuação do léxico representativo do momento histórico em que o elemento geográfico foi nomeado” (ISQUERDO, 2012, p. 117). Esse fenômeno se observa na fronteira oeste do RS: há na toponímia da região a forte presença dos substratos históricos, desde a presença indígena à dos portugueses e espanhóis.

Para resumir os achados desta investigação, apresentamos no quadro 4 (ver anexo) a classificação dos topônimos da fronteira oeste, segundo a classificação proposta por Dick (1990), acrescida das taxes propostas por Isquerdo (1996) e Lima (1998).

Pode-se concluir que, tanto nos topônimos de natureza física quanto nos de natureza antropocultural, encontramos fortes vestígios dos fatos histórico-culturais da região, visto que fazem alusão a elementos, personalidades e crenças que foram paulatinamente se cristalizando ao longo da história. Conforme Andrade e Dick (2012):

Os nomes de lugares e sua dimensão cultural adquirem uma pluralidade com simbolismos e identidades co-responsáveis pelas expressões dos valores individuais dentro de cada época, onde cada lugar fora sendo nomeado e ao mesmo tempo proporcionando um sentimento de pertencimento e domínio territorial (ANDRADE; DICK, 2012, p. 204).

A toponímia da fronteira oeste do Rio Grande do Sul região revela essa pluralidade, tanto histórica como social, à medida que revela, na forma do léxico, as várias disputas territoriais e a presença das diferentes línguas e culturas dos povos que ocuparam esse espaço territorial.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O léxico toponímico representa uma parcela do patrimônio de uma determinada comunidade, já que são formas cristalizadas na história, reveladoras de seus hábitos, vivências, costumes e visões de mundo. Além disso, os topônimos revelam-se como elementos capazes de carregar em si fatos históricos e sociais, como pode ser percebido nas denominações das cidades da fronteira oeste do Rio Grande do Sul. Os topônimos de influência indígena (Barra do Quaraí, Itacuribi, Itaquí, Quaraí, Uruguaiana), além de carregarem consigo parte da história, mantêm-se como registros de línguas extintas ou em vias de extinção. Nos casos de influência espanhola (São Borja, São Gabriel, Sant'Ana do Livramento) e portuguesa (Alegrete, Manoel Viana, Rosário do Sul, Santa Margarida do Sul) visualizamos as marcas das relações de força e poder no decorrer da história: presença da Igreja Católica na figura dos padres jesuítas, oficiais disputando terras para as diferentes coroas e, conseqüentemente, as cessões a grandes estancieiros. Assim, a toponímia da região pode ser um importante recurso para resgatar e compreender aspectos linguísticos, históricos e sociais em que está ou esteve imersa.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Karylleila dos Santos; DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A interdisciplinaridade no contexto escolar: reflexões iniciais de uma proposta aplicada ao ensino. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. VI. Campo Grande: Editora da UFMS, 2012, p. 193-207.
- ARENDT, João Claudio. *Do outro lado do muro: regionalidades e regiões culturais*. Rua [online]. Unicamp, n° 18. Volume 2, 2012.
- BARETTA, Rubens Cesar. *Estudo toponímico dos bairros e distritos de Farroupilha-RS*. Dissertação de mestrado. Caxias do Sul, 2012.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BOSSLE, Batista. *Dicionário gaúcho brasileiro*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2003.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CIOATO, Fernanda Bassanesi. *Os nomes do município de São Marcos: linhas, comunidades, bairros e ruas*. Dissertação de mestrado. Caxias do Sul, 2010.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e antroponímia no Brasil: coletânea de estudos*. 2. ed. São Paulo: FFLCH, 1990.
- \_\_\_\_\_. O sistema onomástico: bases lexicais e terminológicas, produção e frequência. In: OLIVEIRA, Ana M. P. P.; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001.
- FITZ, Ricardo Arthur. Os jesuítas no território gaúcho. In: CARELI, Sandra da Silva. KNIERIM, Luiz Claudio (org.). *Releituras da História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: CORAG, 2011, p. 43-64.
- FURTADO, Nelson França. *Vocabúlos indígenas na geografia do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: PUCrs, 1969.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. *O fato linguístico como recorte da realidade sócio-cultural*. Tese de doutorado. Araraquara, 1996.
- \_\_\_\_\_. A toponímia como signo de representação da realidade. *Fronteiras: Revista de História*, Campo Grande, v. 1, n. 2, p. 27-46, jul./dez. 1997.
- \_\_\_\_\_. Léxico regional e léxico toponímico: interfaces linguísticas, históricas e culturais. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. VI. Campo Grande: Editora da UFMS, 2012, p. 115-139.
- LIMA, Ivone A. de. *A motivação religiosa dos topônimos paranaenses*. Anais do Gel XXVII, 1998.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto de; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001.

SARTORI, Tríssia Ordovás. *Ruas de minha cidade: um estudo hodonímico*. Dissertação de mestrado. Caxias do Sul, 2010.

SOUZA, Célia Ferraz de. *Contrastes regionais e formações urbanas*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.

SILVA, Manuela Damiani Poletti da. *A razão de nomear: o papel da identidade étnica na denominação dos logradouros de Caxias do Sul*. Dissertação de mestrado. Caxias do Sul, 2011.

#### SITES CONSULTADOS:

<http://www.itaqui.rs.gov.br/>

<http://mapas.fee.tche.br>

<http://www.saoborja.rs.gov.br/site/>

<http://www.saogabriel.rs.gov.br/2013/conheca/historia.html>

<http://www.santamargaridadosul.com/site/>

<http://www.uruguaiana.rs.gov.br/>

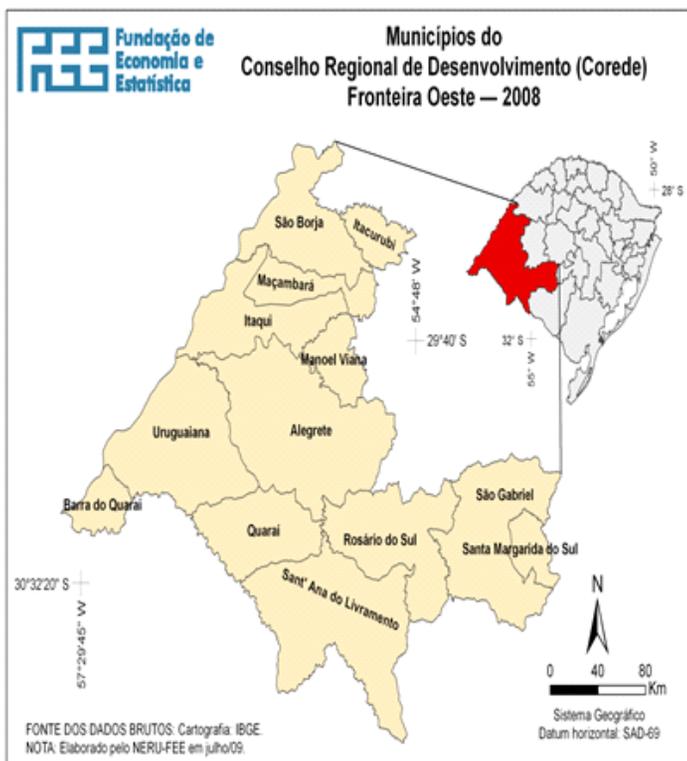
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Santana do Livramento](http://pt.wikipedia.org/wiki/Santana_do_Livramento)

Quadro 1: Classificação Taxionômica  
 Fonte: adaptado de Dick (1990)

<b>TAXIONOMIA DE DICK (1990) PARA A TOPONÍMIA BRASILEIRA</b>	
<b>Natureza Física</b>	<b>Natureza Antropocultural</b>
1. Astrotopônimo: corpos celestes.	1. Animotopônimo (ou Nootopônimo): vida psíquica/cultura espiritual.
2. Cardionotopônimo: posições geográficas.	2. Antropotopônimo: nomes próprios individuais.
3. Cromotopônimo: escala cromática.	3. Axiotopônimo: título e dignidade que acompanha nome próprio.
4. Dimensiotopônimo: características dimensionais os acidentes geográficos (extensão, comprimento, largura, espessura, altura, profundidade).	4. Corotopônimo: nomes de cidades, países, estados, regiões, continentes.
5. Fitotopônimo: nome de um vegetal.	5. Cronotopônimo: indicadores cronológicos (novo/velho).
6. Geomorfortopônimo: formas topográficas, elevações, depressões do terreno.	6. Ecotopônimo: habitações em geral.
7. Hidrotopônimo: acidentes geográficos (água).	7. Ergotopônimo: elementos da cultura material.
8. Litotopônimo: minerais e constituição do solo.	8. Etnotopônimo: elementos étnicos.
9. Meteorotopônimo: fenômenos atmosféricos.	9. Dirrematotopônimo: construídos por meio de frases.
10. Morfortopônimo: formas	10. Hierotopônimo: nomes sagrados, efemeridades religiosas, locais de culto ( <i>Hagiotopônimo</i> : santos (as) do hagiológico romano / <i>Mitotopônimo</i> : entidades mitológicas).
11. Zootopônimo: animal.	11. Historiotopônimo: movimentos de cunho histórico-social, seus membros/ datas correspondentes.
	12. Hodotopônimo: vias de comunicação.
	13. Numerotopônimo: adjetivos numerais.
	14. Poliotopônimo: <i>vila, aldeia, cidade, povoação, arraial</i> .
	15. Sociotopônimo: atividades profissionais, locais de trabalho, pontos de encontro de uma comunidade.
	16. Somatotopônimo: metáfora – parte do corpo humano ou do animal.

Figura 1: Mapa da fronteira oeste do Rio Grande do Sul

Fonte: <http://mapas.fec.tche.br>



Quadro 2: cidades da fronteira oeste do RS

Fonte: elaboração dos autores.

<b>Município</b>	<b>Fundação</b>	<b>Denominações anteriores</b>
Alegrete	1831	*****
Barra do Quaraí	1997	*****
Itacurubi	1988	*****
Itaqui	1858	São Patrício de Itaqui
Maçambará	1997	*****
Manoel Viana	1992	Passo do Novo Ibicuí
Quaraí	1875	São João Batista de Quaraí
Rosário do Sul	1876	Passo do Rosário
Santa Margarida do Sul	1996	*****
Santana do Livramento (Sant'Ana do Livramento)	1823	Nossa Senhora do Livramento
São Borja	1682	*****
São Gabriel	1846	*****
Uruguaiana	1843	Capão do Tigre Santana do Uruguai

Quadro 3: Influências linguísticas na toponímia da fronteira oeste do RS

Fonte: elaboração dos autores.

<b>Influência Indígena</b>	<b>Influência Espanhola</b>	<b>Influência Portuguesa</b>	<b>Influência Africana</b>
Barra do Quaraí	São Borja	Alegrete	Maçambará
Itacurubi	São Gabriel	Manoel Viana	
Itaqui	Sant'Ana do Livramento	Rosário do Sul	
Quaraí		Santa Margarida do Sul	
Uruguaiana			

Quadro 4: Classificação dos topônimos da fronteira oeste do Rio Grande do Sul

Fonte: Elaboração dos autores

Topônimos de natureza física	Fitotopônimo	<b>Maçambará</b>
	Hidrotopônimos	<b>Barra do Quaraí</b> <b>Quaraí</b> <b>Uruguaiana</b>
	Litotopônimos	<b>Itacurubi</b> <b>Itaqui</b>
Topônimos de natureza antropológica	Animotopônimo (eufórico)	<b>Alegrete</b>
	Antropotopônimo	<b>Manoel Viana</b>
	Hagiotopônimos	<b>São Borja</b> <b>Santana do Livramento</b>
	Hagiotopônimos aparentes	<b>São Gabriel</b> <b>Santa Margarida do Sul</b>
	Hierotopônimo	<b>Rosário do Sul</b>